

## **EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSÃO: memória de uma experiência em pesquisa, ensino e extensão**

Hildete Pereira dos Anjos<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O artigo sintetiza parte do memorial da autora, no qual reflete sobre a experiência de atuar com educação especial e inclusão na universidade, em ações que se propunham a articular ensino, pesquisa e extensão. Como resultados, destaca a importância do acesso de pessoas com deficiência à universidade mesmo antes das políticas nacionais estabelecerem isso, da pesquisa-formação envolvendo as histórias de professores de sala de recursos, da produção escrita coletiva envolvendo pesquisadores e bolsistas. Conclui que as modificações da concepção de inclusão e de educação especial se devem a esse movimento que colocou teoria e prática docente em permanente relação.

**Palavras-chave:** Educação especial. Inclusão Escolar. Memória.

### ***SPECIAL EDUCATION AND INCLUSION: the memory of a research, teaching and extension experience***

### **ABSTRACT**

This article summarizes part of the author's memoir, in which she reflects on the experience of working with special education and inclusion at university, in actions that set out to articulate teaching, research and extension. As a result, she highlights the importance of people with disabilities having access to university even before national policies established this, of research and training involving the stories of resource room teachers, and of collective writing involving researchers and scholarship holders. She concludes that the changes in the concept of inclusion and special education are due to this movement, which has placed teaching theory and practice in a permanent relationship.

**Keywords:** Special education. School inclusion. Memories.

### ***EDUCACIÓN ESPECIAL E INCLUSIÓN: la memoria de una experiencia de investigación, docencia y extensión***

### **RESUMÉN**

El artículo resume parte de las memorias de la autora, en las que reflexiona sobre la experiencia de trabajar con educación especial e inclusión en la universidad, en acciones que se propusieron articular docencia, investigación y extensión. Como resultado, enfatiza la importancia del acceso de las personas con discapacidad a la universidad incluso antes de que las políticas nacionales lo establecieran, de la investigación y la formación que involucran las historias de los profesores de las aulas de recursos, y de la escritura colectiva que involucra a investigadores y becarios. Concluye que los cambios en el concepto de inclusión y educación especial se deben a este movimiento, que ha puesto en relación permanente la teoría y la práctica docente.

**Palabras clave:** Educación especial. Inclusión escolar. Memoria.

<sup>1</sup> Doutora em Educação. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará/Instituto de Ciências Humanas/Faculdade de Educação. Marabá (PA), Brasil. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa Dinâmicas Socioeducacionais, Políticas Públicas e Diversidade (CNPq). ORCID: ) 0000-0001-9628-9264. E-mail: [anjoshildete@unifesspa.edu.br](mailto:anjoshildete@unifesspa.edu.br).

## INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte do texto que escrevi no formato de memorial para o processo de promoção a professora titular na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, cuja banca ocorreu em dezembro de 2023. Nesse tipo de texto, é costume fazer uma síntese da vida acadêmica, destacando atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão universitária. Como memorial, certamente se afasta dos padrões acadêmicos clássicos; o texto é escrito em primeira pessoa, a autocitação ocorre frequentemente, as bases teórico-metodológicas se diluem dentro das mudanças que o percurso acadêmico vai sofrendo... Por que então optar por publicá-lo no formato de artigo? Por um lado, porque a pesquisa é geralmente enfatizada nas publicações, em detrimento da produção relativa a ensino e extensão. Por outro lado, porque há pouca produção que mostre histórias reais de pesquisadores; muito do que é publicado passa por um processo de higienização e aparece despojado da experiência humana propriamente dita. Assim, achei necessário dar visibilidade, através deste texto, a meu percurso acadêmico dentro das relações entre educação especial e inclusão, percurso no qual participei da formação de uma geração, mas que se constituiu também em meu próprio processo formativo.

Para compreender esse processo formativo, precisamos voltar a 2001-2002, quando da criação do NEES (Núcleo de Educação Especial) dentro do Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia de Marabá<sup>2</sup>, naquela época ainda vinculado à Universidade Federal do Pará. Para contribuir na criação do Núcleo, rascunhei a seguinte defesa de qual deveria ser o espírito de sua atuação:

Será necessário desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão, compreendendo a elaboração de trabalhos de conclusão de curso na área, a realização de encontros, seminários, cursos de formação destinados aos professores da região que atuam em educação especial, assim como outras atividades demandadas pelas própria necessidade da região, que deverão ser definidas num estreito contato com as secretarias de educação, os movimentos sociais e as entidades ligadas ao atendimento das necessidades educacionais especiais (ANJOS, doc. de criação do Núcleo (mimeo.), 2002).

O período em que me dediquei ao doutorado (2003-2006) deixou essa elaboração em suspenso, porque ninguém assumiu a execução do núcleo em minha ausência. Assim, foi apenas em 2007, concluído o doutorado, que comecei a materializar a possibilidade de fazer acontecer a relação com docentes das redes

---

<sup>2</sup> O Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia distinguia Núcleo Básico, Específico e Eletivo, sendo que estes últimos tinham como objetivo integrar atividades de ensino, pesquisa e extensão em novas temáticas (naquele momento, Educação Especial, Educação Ambiental, Arte Educação)..

estaduais e municipais, como também de abrir possibilidades para que alunos com deficiência se aproximassem da universidade. As universidades brasileiras, com honrosas exceções, começavam a entrar nos debates e incluir em seus cursos de graduação as temáticas da educação especial e da inclusão, mas as redes públicas estadual e municipal já atuavam no campo desde a década de 1980. Criar e fortalecer uma relação com as redes permitiriam que aprendêssemos com sua experiência ao mesmo tempo que que faríamos tal experiência dialogar com um olhar crítico produzido nos estudos educacionais. Essa crença organizou e atravessou as ações de ensino, pesquisa e extensão e possibilitou que produzíssemos coletivamente, além dos processos intangíveis de formação, porque imateriais, um trabalho que deu substância a minha formação de professora pesquisadora e que passo a descrever nos tópicos que se seguem.

### **CONSTITUINDO-ME PROFESSORA/PESQUISADORA/EXTENSIONISTA**

Concluindo o doutorado, voltei a Marabá com muita gana tanto de retomar a docência quanto de fazê-la se beneficiar de minhas recentes competências de pesquisadora. Como continuidade da pesquisa de tese, propus ao Edital PARD (Programa de Auxílio à instalação do Professor Recém-Doutor) da Universidade Federal do Pará o Projeto de Pesquisa “A experiência de inclusão dos alunos com necessidades especiais nas escolas públicas de Marabá: primeiras avaliações”, e consegui duas bolsas de iniciação científica, que articulei com as atividades do NEES. Ganhei duas bolsistas maravilhosas (Mirian Rosa Pereira e Emmanuele Andrade), graduandas em Pedagogia, que embarcaram em minhas viagens de fazer dialogar discurso, educação especial e inclusão e permitiram ampliar as pesquisas já realizadas, entrevistando docentes de sala comum e discentes com deficiência. Como principal resultado desse PARD, escrevemos o artigo que foi publicado na Revista Brasileira de Educação “A inclusão escolar do ponto de vista dos professores: o processo de constituição de um discurso (Anjos, Andrade e Pereira, 2009) e que é o marco da entrada de nosso grupo nos debates nacionais, do ponto de vista das publicações.

Outros dois marcos dessa entrada, desta vez do ponto de vista do contato pessoal e direto com os grandes grupos de pesquisa nacionais, foram a entrada de nosso Grupo de Estudos e Pesquisa do NEES (GEPNEES, criado logo depois do retorno do doutorado) no Observatório Nacional de Educação Especial (ONEESP), que tinha sido aprovado no Edital 038/2010/CAPES (Programa Observatório da Educação) e a participação no IV Seminário Nacional de Pesquisa em Educação Especial (2011), ocorrido em Nova Almeida, Espírito Santo. Este último foi resultado dos encontros com Denise Meyrelles de Jesus, Cláudio Baptista e Katia Regina Caiado no Congresso Baiano de Educação Especial. Apresentei, no Seminário, outra parte dos resultados de pesquisa do PARD: “Efeitos da inclusão nas escolas públicas: uma leitura a partir das falas de professores e gestores” sintetizada com duas outras importantes pesquisadoras do GEPNEES, Katia Regina da Silva e Luciana Barbosa de Melo. Essa participação gerou a publicação de capítulo, com o mesmo título, na obra “Prática pedagógica na educação especial: multiplicidade do atendimento educacional especializado”. (Jesus; Baptista; Caiado (orgs.), 2013).

A participação no ONEESP se iniciou em 2010 e foi até 2014 e nela fizemos parte das pesquisas nacionais dos três primeiros anos<sup>3</sup>, executando em nível local o projeto “Observatório Nacional de Educação Especial: estudo em rede nacional sobre as salas de recursos multifuncionais nas escolas comuns”. A experiência do Observatório tinha, evidentemente, a vantagem de compartilhar com praticamente todos os grupos de pesquisa nacionais uma experiência de produzir e analisar dados em grande escala, experiência com a qual aprendi muito. Como resultados desse trabalho, publicamos dois capítulos nos livros-sínteses dos trabalhos do Observatório publicados pela Editora Marquezine e Manzini e ABPEE (São Carlos-SP): na coletânea de 2014, organizada pelas professoras Enicéia Gonçalves Mendes e Fabiana Cia, o texto “Analisando um recorte local das políticas brasileiras para a educação inclusiva” (Anjos, in Mendes e Cisa, 2014, p. 41-58). Na coletânea de 2015, organizada pelas professoras Enicéia Gonçalves Mendes, Fabiana Cia e Gabriela Tannús-Valadão, o texto “Atendimento educacional em salas de recursos

<sup>3</sup> O último ano (2014) foi usado para iniciar uma leitura discursiva do material de pesquisa produzido pelos grupos de Belém e Marabá, no pós-doutoramento supervisionado pela Profa. Ivanilde Apoluceno de Oliveira (NEP/UEPA).

multifuncionais da rede municipal de Belém”, escrito a muitas mãos com pesquisadores do grupo NEP-CCSE-UEPA (Oliveira *et al*, in Mendes; Cia; Tannús-valadão (Orgs.), pela mesma editora. Em revista nacional, publiquei com minha orientanda de TCC Cristiane Campelo, do Curso de Pedagogia, o artigo “Perfil das salas de recursos: construindo uma leitura acerca das políticas recentes para a inclusão escolar”, na revista Poiésis, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisul (Anjos; Campelo, 2013).

Ao mesmo tempo também participávamos de pesquisas coordenados pela profa. Ivanilde Apoluceno de Oliveira, do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP-CCSE-UEPA), das quais destaco o projeto PROESP financiado pela CAPES denominado Rede Educação Inclusiva na Amazônia Paraense, executado entre 2010 e 2012. Na Rede, compusemos o projeto de pesquisa “A Prática da escolarização inclusiva e o atendimento especializado na Amazônia Paraense” que objetivava, em nível local,

[...] mapear a efetivação da política de atendimento de educação inclusiva na rede municipal de Marabá [...] Para tanto procuramos neste trabalho, atingir determinados objetivos específicos: identificar a relação pedagógica estabelecida entre AEE e sala comum; identificar as representações sociais de atores educacionais sobre as pessoas com NEE; identificar e analisar os aspectos pedagógicos (planejamento, metodologia, avaliação e adaptação curricular) presentes na prática dos docentes do ensino comum e do AEE; e, por fim, apontar fatores intervenientes no desenvolvimento da prática de escolarização inclusiva e os saberes docentes construídos nesse processo (Relatório de Pesquisa).

Parte da produção da Rede foi apresentada nos eventos locais e nacionais e está na coletânea “Pesquisando a inclusão nas escolas públicas: um trajeto”, organizada por mim (Anjos, 2011). O texto coletivo “Tensões no fazer pedagógico: relações entre salas de recursos e salas comuns” foi publicado na coletânea organizada por Ivanilde Apoluceno de Oliveira, intitulada “Práticas de escolarização em Salas de Recursos Multifuncionais: dizeres de professores e alunos” (EDUEPA, 2014). Em termos de artigos de impacto nacional, sintetizamos a pesquisa no artigo coletivo do GEPNEES, publicado na Revista Educação & Sociedade em 2013, intitulado Práticas pedagógicas e inclusão: a sobrevivência da integração nos processos inclusivos. (Anjos *et al*, 2013). Não era um artigo simpático, e nós sabíamos disso: num período em que o forte das pesquisas era

evidenciar os sucessos e as potencialidades dos processos de inclusão escolar da pessoa com deficiência, nós não conseguíamos deixar de perceber como as práticas e princípios da educação especial tradicional, fundada em princípios que no Brasil convencionamos chamar de integração, atravessavam e sobreviviam dentro mesmo dos processos estabelecidos pelas normativas da inclusão. Prova de que tínhamos noção dessa pouca simpatia foi a escolha de submeter a uma revista com foco na sociologia da educação, cujo espírito crítico parecia abrir maior espaço para tal debate.

Descobrir que os debates que fazíamos não estavam abaixo da média dos debates nacionais já tinha nos dado audácia para estrear noutro campo: o da organização de eventos. Ainda no doutorado, nosso grupo de pesquisa tinha organizado um Seminário de Educação Inclusiva que veio a se transformar no Congresso Baiano de Educação Inclusiva, de cujas edições II (2009) e III (2011) eu participei na organização e comissão científica. Essa experiência permitiu que, localmente, fizéssemos culminar em eventos as atividades de pesquisa e extensão desenvolvidas a partir do GEPNEES.

Assim, precisamos voltar no tempo para lembrar as Jornadas de Educação Especial e Inclusão, evento que teve edições anuais de 2007 a 2010 e bianuais de 2012 a 2014. As Jornadas funcionavam como a culminância de um/dois anos de trabalho de ensino das disciplinas do NEES (Fundamentos da Educação Especial, Educação de Pessoas Cegas e com baixa Visão, Educação de Pessoas Surdas/Libras, Educação de Pessoas com Deficiência Múltipla) como uma devolutiva das atividades de pesquisa e de extensão para os docentes das redes de ensino municipal e estadual e como oficina de exercício de redação, apresentação e debate das produções em iniciação científica para nossos bolsistas.

A adjetivação dada às Jornadas “de educação especial e inclusão” já era um indício que não tomávamos como sinônimos os dois termos; expressávamos nosso desconforto com essa dupla designação, mas não achávamos na língua saídas elegantes para resolver esse desconforto.

Demos como título a nossa I Jornada (realizada em agosto de 2007) “Educação especial e inclusão como campos de pesquisa e trabalho em reconfiguração”. O título expressa não apenas o desconforto no campo acadêmico

que eu trouxera do doutorado, mas também nossa necessidade de lidar com o campo de trabalho (a docência na rede pública, especialmente nas salas de recursos) fazendo se encontrar na jornada graduandos nas licenciaturas com professores já incorporados à rede. Também nos interessava reduzir a dispersão das ações realizadas na rede municipal e estadual, fazendo de sua experiência parceria para os primeiros passos que a universidade dava nos processos de inclusão, ainda como temática de discussão e pesquisa.

Pouco se sabia da educação especial como campo de pesquisa em nossa região; nada havia ainda em termos de articulação com pesquisadores de outros pontos do país e do próprio estado do Para, já que as ações existentes até então na rede [pública de educação] se concentravam em formação de professores com viés técnico. A Jornada funcionou então como um ponto de partida para o programa de pesquisa que foi se estabelecendo no Campus de Marabá [da UFPA] tendo como centro o NEES (Anjos *et al*, 2015, p. 191)

A II Jornada, em 2008, teve como temática a formação de professores para a educação inclusiva. Nela fizemos contato pela primeira vez com a Profa. Ivanilde Apoluceno de Oliveira (UEPA), nossa palestrante, com quem passamos a dialogar no sentido de constituir redes de pesquisa no Pará. A III Jornada, realizada em 2009, já foi organizada a partir de debates com o grupo de discentes do pré-vestibular do NEES, e teve seu título formulado a partir de reivindicações da comunidade surda: “Construindo linguagens na convivência entre diferentes”, para a qual muito contribuiu a professora Tereza Cristina Bastos de Oliveira (hoje UFRB). Para debater a execução da política nacional de inclusão em âmbito municipal, trouxemos Jorlan Medeiros (da Secretaria Municipal de Educação de Natal, RN). A IV Jornada, em 2010, teve como tema “Formação docente e prática inclusivas na escola básica, espelhando de certo modo nossas preocupações de pesquisa da época e o próprio início do pertencimento ao Observatório Nacional de Educação Especial.

Nessa altura, já tínhamos concluído nosso primeiro projeto com a Rede Educação Inclusiva na Amazônia Paraense (PROESP/CAPES) e ali apresentamos, em formato de comunicação, os principais resultados de pesquisa [...] Nessa jornada, o eixo condutor foi o debate sobre a formação de professores para a inclusão, para o que contamos com as contribuições da professora Rita de Cássia Magalhães Paiva (UFRN), Eniceia Gonçalves Mendes e Maria Amélia Almeida (UFSCar). Foi também na IV Jornada que começou

nossa relação com o projeto do Observatório Nacional de Educação Especial. A presença maciça dos professores e professoras da educação especial no município, suas aflições e dúvidas com as mudanças na legislação [a Política de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva tinha sido promulgada dois anos antes] e na estrutura do atendimento educacional especializado fez com que entrássemos na proposta de uma pesquisa nacional com muito empenho, com a expectativa de comparar nossas experiências com as de outros municípios do país (Anjos *et al.*, 2015, p.194-195)

A V Jornada de 2012 intitulou-se “Inclusão: fazendo dialogar políticas públicas e histórias de vida” e funcionou como evento de culminância da pesquisa-formação com professoras das salas de recursos, de modo que convidamos a professora Denise Meyrelles de Jesus (UFES) para proferir a conferência de abertura.

A VI Jornada de 2014 teve como título “Olhando a educação como um direito: deficiência, inclusão e diversidade” e já incorporou os estudos da deficiência como nossa perspectiva dominante, assim como as discussões da interseccionalidade, trazendo olhares sobre a educação do campo e educação indígena. Participaram a Profa. Livia Barbosa (UNB, na época), membro do grupo de pesquisa de Débora Diniz, Thaisa Liduenha, orientanda de doutorado de Katia Caiado (UFSCar) e Maria do Carmo Silva, mestra sob a orientação de Marinalva Silva Oliveira (UEAP, na época).

A VII Jornada, realizada em 2016, teve como tema “A arte e o corpo imperfeito” e nela já fizemos discussões inspiradas em Foucault, Deleuze e Guattari a partir da conferência da Profa Virginia Kastrup (UFRJ), oficinas e debates sobre teatro cego com o professor Roberto Rabelo (UFBA), oficinas de esculturas entre cegos e videntes com o prof. Alixa Santos, Teatro surdo com o Grupo Mãos que falam (UEPA Belém). Aí, também já tinham se incorporado aos debates da deficiência a linha 2 do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia (PDTSA), cujos alunos de mestrado assumiram com discentes de Pedagogia a monitoria da Jornada.

Não haveria como falar das Jornadas sem destacar o papel importantíssimo de Mirian Rosa Pereira e Ingrid Fernandes, duas graduandas da época (hoje doutorandas), alunas de Pedagogia da turma de 2007 que assumiram as atividades do Núcleo e fizeram acontecer muito do que deu substância ao GEPNEES; de

Marcelo Almeida, que garantiu suporte e infraestrutura muitas vezes, de Kátia Regina da Silva, insuperável nos processos de coordenação e organização, de Luciana Melo, cujo espírito crítico e senso artístico nos fizeram muitas vezes deslocar dos lugares já confortáveis; de Elitis Susana Sousa Costa e Laiane Ferreira, bolsistas com capacidade técnica e humana que as levou a coordenar e potencializar talentos entre eles e finalmente, do curso de Pedagogia, cujas turmas a cada ano assumiam para si os trabalhos de monitoria da Jornada.

A participação em atividades de âmbito nacional permitiu os contatos que trouxeram a Marabá, como palestrantes das Jornadas, pesquisadoras importantes da educação especial e militantes da educação inclusiva como as citadas nos parágrafos anteriores. Fazíamos um movimento de deslocamento, para o interior da Amazônia, de tais pesquisadores, colocando-os em contato com outras possibilidades de fazer educação. Na última Jornada, em 2014, decidimos que era hora de materializar em outro formato os sete anos de pesquisa, extensão, ensino, intercâmbios regionais e nacionais, e propusemos a coletânea “Olhando a educação como um direito: deficiência, inclusão e diversidade” (ANJOS *et al.*, 2015) convidando pesquisadores e seus orientandos a sintetizar em capítulos suas participações nas Jornadas. Nessa coletânea, escrevi com minhas bolsistas PIBIC e PIBEX um artigo síntese intitulado Notas para uma história das jornadas em Educação Especial e Inclusão (ANJOS *et al.*, 2015 p. 197) no qual concluímos o seguinte:

Dissemos, de início, que acompanhar a história de um evento é analisar sua influência na área que pretende representar. Não nos resta dúvida que a Jornada tem conseguido expressar o movimento de apresentar a produção científica e educacional local acerca de educação especial e inclusão, fazê-la dialogar com a produção do país, através da presença física dos pesquisadores, mas também da conversa com sua produção teórica em nossos trabalhos, sistematizar a relação sempre em elaboração entre ensino, extensão e pesquisa e trazer tal sistematização para o debate com a educação básica. Esse movimento, naturalmente, não se fecha: abre-se a cada vez que renovamos nossas concepções, que assumimos novos desafios práticos, que nos angustiamos com nossas limitações. Esse movimento nos mantém curiosos e perguntadores, portanto, nos mantém pesquisadores e educadores. Desse modo, a Jornada nos obriga a movimentos para fora (centrífgos) e para dentro (centrípetos), para incorporar ao desenvolvimento dos grupos a riqueza da elaboração walloniana acerca do desenvolvimento humano: a angústia, a incerteza nos fazem voltar para dentro e

sistematizar para nos mesmos nosso avanços e retrocessos; a segurança que isso dá nos joga para fora, para adiante, para os lados, possibilitando-nos novas experiências, cumplicidades e enfrentamento de desafios. Sistematizar para nós mesmos nossos avanços e retrocessos; a segurança que isso dá nos joga para fora, para adiante, para os lados, possibilitando-nos novas experiências, cumplicidades e enfrentamento de desafios.

Um dos movimentos mais interessantes desses processos foi a incorporação, em nossas discussões, dos estudos da deficiência, especialmente a partir do trabalho inspirador de Débora Diniz no livro “O que é deficiência” (2007). Insatisfeitas com as redes conceituais acerca de deficiência mobilizadas no material de educação especial que líamos, buscamos outras possibilidades teóricas. Lembro que já no doutorado eu brigava com a noção de “necessidades educacionais especiais” porque me parecia que ela não dava conta de questões ligadas à corporeidade deficiente na relação com a cultura, mas eu era alguém que estava chegando na área e já tentando “sentar na janelinha”. Nem tinha leitura suficiente para produzir uma argumentação adequada, de modo que o conceito que me incomodava ficou lá na versão final da tese. Dentro das ações do NEES e da pesquisa PARD, eu adquiri mais liberdade e encontrei parceria para essa discussão em colegas e bolsistas. Desse modo, fizemos a leitura e o debate cuidadoso desse livro (que já aparece em nosso artigo de 2009) e, de lá para cá, de várias produções vinculadas à concepção de que a deficiência é produzida social e culturalmente.

No livro resultante da tese, que só criei coragem para publicar em 2014-2015 (porque aí puder reler distanciadamente tudo o que tinha elaborado nos intensos anos de doutorado), e que intitulei “Porque a escola não é azul?” (Anjos, 2015) fiz já algumas adaptações, considerando que já tinha mais firmeza de meus posicionamentos e conseguia defendê-los junto a meus pares: já me considerava uma pesquisadora da área.

Posso afirmar, para concluir provisoriamente esse mergulho nos meus processos de constituição como docente pesquisadora, que as primeiras iniciativas individuais e isoladas só me mostraram que não é produtivo fazer pesquisa sozinha: um grupo de pesquisa que efetivamente discuta e analise conjuntamente os dados de forma crítica, que efetivamente leia e debata a produção da área é fundamental para a constituição de cada pesquisador. A participação, nesse grupo,

de pessoas com formações e experiências diversas, destacando-se a docência na educação básica, torna-se vital para limitar a vaidade acadêmica que coloca o saber universitário acima de todos os outros. Esse foi para mim o GEPNEES, que funcionou de 2007 a 2014 e a partir daí foi renomeado como Grupo de Estudos e Pesquisas Dinâmicas Socioeducacionais, Políticas Públicas e Diversidade (GEDPPP), para dialogar com o mestrado em Dinâmicas Territoriais e Sociedade: envolveu de modo intenso colegas pesquisadores e estudantes de Pedagogia e outras licenciaturas em sua iniciação à pesquisa através da elaboração de trabalhos de conclusão de curso, depois de egressos em sua formação *lato e stricto sensu*, assim como no envolvimento com as redes públicas estaduais e municipais através dos trabalhos de pesquisa/extensão.

## **DO PRÉ-VESTIBULAR PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA À PESQUISA-FORMAÇÃO COM DOCENTES DA REDE PÚBLICA**

Como narrei antes, as Jornadas tinham como função ser a culminância dos trabalhos de ensino, pesquisa e extensão do Núcleo. Dito de outro modo, elas nos obrigavam a sistematizar, analisar e publicizar aquilo que tínhamos feito durante o ano anterior, transformando em versões iniciais de artigos nosso trabalho. Cabe aqui voltar mais uma vez no tempo para detalhar as ações de extensão no seu formato institucional (porque, apesar da luta pela indissociabilidade, quando precisamos formalizar institucionalmente nossas ações é preciso distinguir o que é verba de extensão, de ensino, de pesquisa...) Produzimos então, a partir de 2008, programas de extensão que concorriam aos editais internos da UFPA (geralmente PIBEX) e até nos aventuramos no edital do Programa Incluir, do Governo Federal, que nos valeu o pioneirismo nas ações de inclusão no ensino superior (Criação de um Núcleo de Acessibilidade, entre 2007/2009) da UFPA. De 2008 até 2014, mantivemos em funcionamento o Programa de Extensão do Núcleo de Educação Especial, depois associado ao Núcleo de Acessibilidade (NEES/NACE), o qual, de acordo com o texto que foi aprovado para o PIBEX na versão inicial.

[...] pretende estabelecer vínculo com as experiências já existentes de educação de alunos surdos, cegos e de baixa visão, mantido pelo Estado e Município, as quais aos poucos têm possibilitado a inclusão

desses alunos no ensino médio, abrindo espaço para a formação superior desses alunos e estabelecendo perspectiva de acesso ao ensino superior a pessoas com necessidades educacionais especiais, tanto no quadro discente (através de pré-vestibular específico e atendimento especializado) como docente. Almeja ainda articular-se com o Núcleo de Educação Especial (NEES), do Curso de Pedagogia da UFPA/Marabá, o qual oferece disciplinas e atividades programadas no campo da educação especial e da inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais e se propõe a abranger projetos de pesquisa e extensão, atividades conjuntas com os municípios da região e com as entidades que atendem a essa clientela específica (UNIVERSIDADE..., 2008)

Importante registrar que essa necessidade de criar e fortalecer os vínculos entre a universidade e as redes de ensino estadual e municipal era um debate permanente no Campus de Marabá e atravessava toda a proposta formativa das licenciaturas na época. Com isso em vista, o trabalho de campo do meu doutorado, realizado em 2005-2006 na Escola Municipal Jonathas Pontes Athias, em Marabá, me possibilitava imaginar e debater com educadores e educandos das salas de recursos ações que potencializassem nossos futuros trabalhos conjuntos. Quando leio os objetivos da última versão, em que já éramos um coletivo de ensino/pesquisa/extensão de fato, percebo não apenas a persistência desse princípio, mas também o modo como ele vai se complexificando e adquirindo nuances impensadas de início:

- a) Criar um espaço de participação efetiva, no Núcleo de Acessibilidade, de alunos com necessidades educacionais especiais e dos profissionais a eles vinculados, nas atividades acadêmicas do Campus;
- b) Integrar o debate acerca de educação especial e inclusão escolar no município e região;
- c) Criar possibilidades de articulação das ações relativas à educação especial e inclusão escolar no município e região;
- d) Estimular, sistematizar e divulgar a produção científica regional no campo da educação especial e inclusão escolar, fazendo-a interagir com as atividades desenvolvidas na práxis pedagógica;
- e) Contribuir com a formação permanente de graduandos, pós-graduandos e educadores em geral no que se refere às práticas e princípios da educação inclusiva (UNIVERSIDADE..., 2013).

A versão do programa de 2013 (que se estendeu até 2014, em função da criação da Unifesspa) já acrescentava objetivos que mostram não só o alcance dos objetivos anteriores, mas os desafios e possibilidades impostos por tal alcance.

Nessas alturas, já precisávamos providenciar o acompanhamento de alunos com deficiência visual e auditiva que pretendiam acessar o ensino superior, através de um pré-vestibular específico para pessoas cegas, com baixa visão e surdas que estavam cursando o final do ensino médio; era nossa responsabilidade dar suporte a quatro alunos universitários com deficiência visual, cujo acesso foi resultado das ações do Núcleo. Participávamos da articulação e das atividades das equipes de educação especial e inclusão da região e promovíamos palestras, conferências e debates acerca da questão da deficiência e da inclusão; já tendo aprovado um programa de pós-graduação *stricto sensu*, trabalhávamos na articulação de nossas pesquisas com a leitura das dinâmicas territoriais; participando de pesquisas de alcance nacional (Observatório Nacional de Educação Especial/ONEESP), precisávamos fazer nossa tarefa de pesquisa convergir com as ações de extensão.

As atividades extensionistas do NEES/NACE se complexificaram nos últimos anos, em duas vertentes: a) a construção do acompanhamento na rede superior de ensino, contando que aos poucos os alunos com deficiência iam sendo aprovados nos vestibulares; b) a partir da nossa participação no Observatório Nacional de Educação Especial, passamos a atender a exigências de acompanhamento das políticas referentes ao atendimento especializado nas redes públicas (principalmente através das salas de recursos multifuncionais- SRMs). Desse modo, nos focamos nesta edição nessas duas vertentes (PROGRAMA...2013)

A experiência do pré-vestibular para alunos cegos/com baixa visão e surdos, além do trabalho técnico, gerou uma rica produção<sup>4</sup>, sempre em conjunto com bolsistas, oriundos de várias licenciaturas e bacharelados, que atuaram ao longo do tempo no Núcleo. Além das apresentações nos eventos locais, geralmente a Jornada de Educação Especial e Inclusão. foi objeto de apresentação em dois encontros de nível nacional: no Encontro Brasileiro de Extensão de 2009, com o trabalho “Deficiência e acesso ao Ensino Superior: Uma experiência de aprendizagem”, escrito em conjunto com Patrícia da Silva Chagas, Louriana Saima Sousa Santos (ambas do Curso de Letras) e Greicy Kelly Maciel da Silva (do Curso

<sup>4</sup> Publicamos na Revista Universo & Extensão o artigo “Ser a Visão do Outro: Inclusão de Pessoas com Baixa Visão no Ensino Superior” (Costa; Rodrigues; Anjos, 2013); o artigo “Projeto pre-vestibular para surdos da UFPA -Campus de Marabá” (Anjos; Barbosa, 2013), na Revista Eletrônica Ponto de Partida) e ainda o capítulo “Inclusão da pessoa com deficiência no ensino superior: primeiras aproximações” (Anjos, 2012), na coletânea “O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares” (EDUFBA).

de Ciências Sociais) e no IV Congresso Brasileiro de Educação Especial, realizado em 2010, em São Carlos com dois trabalhos: “Redigindo identidades: exercícios de leitura e escrita com surdos”, em conjunto com Ingrid Pereira e Mirian Rosa Pereira e “Núcleo de Educação Especial e Núcleo de Acessibilidade do Campus de Marabá/UFPa: uma análise de experiência”, em conjunto com Lucélia Cavalcante Rabelo e Mirian Rosa Pereira.

Destaco essa experiência de analisar as atividades de extensão e produzir com ela conhecimento científico porque o princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão sempre foi levado muito a sério por nós como fundamento do Núcleo de Educação Especial e funcionava como princípio formativo dos graduandos que atuavam no Núcleo: nunca pressupomos que alguém estivesse atuando conosco apenas em função do trabalho técnico.

Do ponto de vista político, considero que a experiência do NEES/NACE foi a porta de entrada de muitos alunos com deficiência para os cursos superiores na região. Há que se destacar que a universidade ganha em diversidade pela presença dos discentes com deficiência, mas ganha principalmente se incorporar a experiência nas lutas por direitos de que são geralmente protagonistas tais discentes. Quando tais discentes conquistam o acesso à educação superior, já passaram por muitos enfrentamentos na educação básica. Não é a universidade que os inclui, são eles que forçam sua presença num espaço que os excluiu historicamente, utilizando as ferramentas que permitiram que chegassem a se alfabetizar, ao domínio da linguagem usada na escola. Claro que vem com eles também a herança assistencialista, cuja memória atravessa todas as relações que envolvem pessoas com deficiência. Assim, creio que é papel da universidade se dispor a aprender com suas lutas, suas formas de mudar o mundo, permitir-se ser afetada (tanto em sua arquitetura quanto em suas atitudes e funcionamento) por suas corporeidades dissidentes, ao mesmo tempo questionando o assistencialismo, a apropriação das pessoas com deficiência pelas instituições destinadas a seu cuidado e colocando em debate, como é papel da universidade em geral, todas essas relações.

Encerrada em 2014, após a criação da Unifesspa, a experiência do Núcleo de Acessibilidade como ação do Curso de Pedagogia deixou de fazer sentido, sendo

substituída pelo NAIA (Núcleo de Acessibilidade e Inclusão Acadêmica) como ação geral da instituição dentro das políticas nacionais de inclusão no ensino superior. O NEES, quando da reformulação do PPC da Licenciatura em Pedagogia em 2018, foi reformulado como NEED (Núcleo de Estudos Educação e Deficiência), para nos desagarrar das coerções discursivas criadas pela denominação “Educação Especial” e fazer justiça aos estudos do discurso e da deficiência que já vínhamos desenvolvendo no grupo de pesquisa.

Outra experiência que buscou articular extensão, formação docente e pesquisa foi a pesquisa formação desenvolvida durante o ano de 2011 e sistematizada/analísada durante o ano seguinte, que significou também a culminância do projeto de pesquisa associado ao Observatório Nacional de Educação Especial.

Inspirados principalmente no trabalho da profa. Denise Meyrelles (Jesus, 2010; Jesus e Vieira, 2011), nosso Grupo de Pesquisa arriscou propor, em trabalho conjunto com a Secretaria Municipal de Educação de Marabá, um trabalho formativo com as professoras de salas de recursos (vinte e duas mulheres). Propusemos a elas um percurso metodológico que incluía trabalhar com suas histórias de vida, estabelecer relação entre as histórias, produzindo assim uma história coletiva da educação especial no município e relacionar tais histórias com a história da educação especial no Brasil (através de linha do tempo).

Nos envolvemos com entusiasmo no projeto durante dois anos, com encontros mensais: no primeiro ano, as histórias foram contadas, gravadas, transcritas e textualizadas; as professoras analisaram as histórias umas das outras e apontaram aproximações e diferenças, destacando questões que mais marcaram sua experiência docente em salas de recursos e relacionando-as com as mudanças nas políticas de educação especial/inclusiva. No segundo ano, exercitamos o trabalho de categorização e análise coletiva do material produzido, elaborando artigos, submetendo-os à discussão coletiva e preparando para publicação toda a experiência<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Participaram do projeto, como pesquisadores, Marcelo Almeida Araújo, Kátia Regina da Silva, Luciana Barbosa de Melo, Ingrid Fernandes Brandão, Mirian Rosa Pereira, Emanuelle Pereira Andrade e Francisco Pinheiro de Carvalho, além das bolsistas Hannah Mohamed Birani Alexandre (PIBIC), Rosane Rodrigues Lima e Elitis Susana da Silva Costa (ambas PIBEX).

O livro coletivo, denominado “As histórias de todas e de cada uma: construindo um trajeto para a educação especial” (Anjos *et al*, 2014), foi publicado com financiamento da Secretaria Municipal de Educação de Marabá pela Editora CRV. Sínteses de partes da pesquisa foram publicados em artigos (com maior visibilidade acadêmica, o artigo publicado na Revista Brasileira de Educação em 2015, “Pesquisa-formação e história de vida: entretecendo possibilidades em educação inclusiva”, em edição bilingue português/inglês) e capítulos em livros no Brasil e no México<sup>6</sup>.

Minha impressão é que, nessa experiência de formação docente, foi deslocado o protagonismo da pesquisa, geralmente centrado na academia, para as próprias professoras, assim como, do ponto de vista metodológico, as narrativas docentes ganharam centralidade. Creio que tais deslocamentos tendem a enriquecer muito estudos que enfoquem a inclusão da pessoa com deficiência nos processos educacionais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sintetizada nestas páginas minha longa incursão pelos territórios das possibilidades de inclusão, posso olhar de agora o percurso e elaborar algumas conclusões (sempre provisórias. Certamente o trabalho de extensão foi fundamental tanto para a atividade de ensino quanto a de pesquisa. Não haveria como compreender certas discussões teóricas da educação especial sem me enfronhar nas ações desenvolvidas nas escolas, sem compartilhar com docentes da educação básica suas tarefas cotidianas, assim como seu processo de formação e autoformação. Das dificuldades que aponto para esse tipo de ação, chamo a atenção para os entraves nas relações com as secretarias de educação e suas concepções de formação docente e de educação: há limites que precisam ser respeitados, especialmente quanto à necessária posição crítica que a universidade precisa manter.

---

<sup>6</sup> Anjos, in Mendes e Cia (orgs.), 2014; Anjos, in Correia, Nascimento e Portela (orgs.), 2014; Anjos, in Cupich et al (orgs.), 2014; Anjos e Alexandre, in Silva Jr.; Fernandes (orgs.), 2015; Anjos, Melo e Sousa in Miranda(org.), 2016; Anjos, Sousa e Melo in Jácomo et al (orgs.) (2016).

Também não haveria como ter clareza dos obstáculos que a universidade produzia para as pessoas com deficiência sem que essas mesmas pessoas experimentassem tais obstáculos. Desse modo, nosso cursinho pré-vestibular funcionou também como um laboratório para percebermos as grandes limitações que se colocavam (ainda se colocam) para a inclusão no ensino superior. Também foi um laboratório de enfrentamento da herança assistencialista que estava na base da formação dos próprios candidatos cegos, com baixa visão e surdos. Às vezes conseguimos avançar, às vezes essa herança foi mais forte que nós, mas considero um ganho o exercício de lidar com ela com objetividade, identificando e analisando a tendência dominante de apagá-la e narrar a inclusão como um recomeço desmemoriado.

Acerca do percurso formativo de todo o grupo de pesquisa, acho que a ousadia de atravessar certos espaços protegidos (inclusive por ingenuidade e por desconhecimento das cercas existentes) permitiu que adquiríssemos habilidades de pesquisa, de trabalho extensionista, de produção escrita que dificilmente cada um de nós desenvolveria isoladamente. O trabalho miúdo de narrar as ações realizadas por escrito, debater em grupo, estabelecer relações com a literatura examinada, apresentar em eventos locais, refazer com base na crítica, levar pra eventos de maior visibilidade, submeter a revistas fez com que professoras, graduandas, pós-graduandas, professoras da rede pública acessassem/produzissem um espaço novo e enriquecedor que fez amadurecer academicamente a todos nós (e aqui uso o feminino de propósito, porque somos predominantemente mulheres).

Quanto ao percurso formativo pessoal, aprendi a questionar elaborações que se pretendem definitivas (na literatura, mas também na vida prática) e sempre a me perguntar por outras possibilidades, ou ainda pelas possibilidades abafadas para que tais verdades se consolidem. Não perder de vista as análises críticas da educação como um todo, não produzir um nicho protegido para as análises da inclusão foi uma postura que muito me ajudou nesses questionamentos.

Por fim, a escrita (individual e coletiva) como exercício cotidiano foi talvez a principal “cola” entre ensino, pesquisa e extensão, porque permitia olhar de novo, debater em classe, refazer as ações, relacionar com a literatura, arriscar novas hipóteses em nossa relação com o mundo da educação especial e da inclusão. Tanto

foi útil para o cotidiano do grupo como se mostrou fundamental para a produção do memorial. Ter sintetizado no formato de artigos, relatórios, livros aquilo que fomos produzindo conjuntamente foi o que deu substância à formulação desse olhar retrospectivo, por isso o excesso de autocitações neste texto: sou eu nos olhando de longe, mas só essa mirada só pode acontecer porque guardamos (e espalhamos por aí) vestígios, indícios, marcas de cada momento vivido. Espero que quem nos leia possa encontrar inspiração para a própria prática docente, em seu desejo de articular ensino, pesquisa e extensão, porque insisto: a famosa indissociabilidade é um desejo, não está dada na universidade como ela faz parecer e precisa ser tematizada como desafio.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Emannuele Pereira; ANJOS, Hildete Pereira dos; SILVA, Kátia Regina da ; Rabelo, Lucélia Cavalcante Cardoso ; MELO, Luciana Barbosa de; ARAÚJO, Marcelo Almeida ; PEREIRA, Mirian Rosa . Educação inclusiva: acesso e atendimento educacional especializado. In: ANJOS, Hildete Pereira (Org.). **Pesquisando a inclusão nas escolas públicas: um trajeto**. 1ed. Curitiba, PR: Editora CRV, 2011, p. 145-156.

ANJOS, Hildete Pereira dos;; BRANDAO, Ingrid Fernandes G. Pereira. O discurso clínico nas memórias de escolarização de uma pessoa cega no sudeste do Pará. In: SANTOS, Roberg Januário dos; BARROS, Lucilvana Ferreira. (Orgs.). **Amazônia Oriental Brasileira: história, migração e região**. Curitiba, PR: Editora CRV, 2019, p. 233-248.

ANJOS, Hildete Pereira dos; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. As pesquisas sobre políticas inclusivas: em busca de contexto (Researches about inclusive policies: in search of context). **Crítica Educativa**, v. 3, p. 101-115, 2017.

ANJOS, Hildete Pereira dos; MELO, Luciana Barbosa; SOUZA. Nelinho Carvalho. Identidade docente e pesquisa-formação: narrativas de docentes como conteúdo formativo. In: Theresinha Guimarães Miranda. (Org.). **Práticas de inclusão escolar: um diálogo multidisciplinar**. 1 ed. Salvador, BA: EDUFBA, 2016, p. 89-106.

ANJOS, Hildete Pereira dos; SOUZA. Nelinho Carvalho; MELO, Luciana Barbosa. Pesquisa-formação, prática pedagógica e identidade docente. In: JÁCOBO, Zardel; VARGAS LÓPEZ, Silvia Laura ;LOPERA, Juan Davi Lopera; BUILES, Norelly Soto. (Orgs.). **Sujeto, educación especial, integración e inclusión**. 1ed. Ciudad de México: Editora da UNAM, 2016, v. 1, p. 277-292.

ANJOS, Hildete Pereira dos. Pesquisa-formação e história de vida: entretecendo possibilidades em educação inclusiva/ Research training and life stories: Interweaving opportunities in inclusive education. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, p. 619-633, 2015.

ANJOS, Hildete Pereira dos; COSTA, Elitis Susana S. ; LIMA, Rosane Rodrigues ; LIMA, Ana Cláudia da Costa . Notas para uma história das Jornadas de Educação Especial e Inclusão. In: Hildete Pereira dos Anjos. (Org.). **Olhando a educação como um direito: deficiência, inclusão e diversidade**. Belém, PA: Editora Paka Tatu, 2015, p. 189-198.

ANJOS, Hildete Pereira dos. **Porque a escola não é azul?** Discursos imbricados na questão da inclusão escolar. 1. ed. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2015, 344p.

ANJOS, Hildete Pereira dos; BRANDAO, Ingrid Fernandes. G. Pereira; SOUSA, Iselene Labres. Gênero, identidade e Educação Especial: História de professoras. **Revista Cocar** , Edição Especial n. 1, p. 229-247, 2015.

ANJOS, Hildete Pereira dos. Dos deslocamentos sofridos por nossa práxis educativa (à guisa de apresentação). In: Hildete Pereira dos Anjos. (Org.). **Olhando a educação como um direito: deficiência, inclusão e diversidade**. 1ed.Belém, PA: Editora Paka Tatu,2015, v. 1, p. 07-10.

ANJOS, Hildete Pereira dos (org.) **Olhando a educação como um direito: deficiência, inclusão e diversidade**. Belém, PA: Editora Paka Tatu, 2015. v. 1. 208 p.

ANJOS, Hildete Pereira dos.; ALEXANDRE, Hannah Mohamed Birani. Identidade docente e memórias de professora: envolvimento com as situações de deficiência. In: Fernando Alves da Silva Jr.; José Guilherme dos Santos Fernandes. (Org.). **Interculturalidade e saberes: os diversos na contemporaneidade da Amazônia**. 1ed.Belém, PA: Paka-Tatu, 2015, v. 1, p. 135-147.

ANJOS, Hildete Pereira dos. A inclusão e as histórias de vida: apresentando a questão e seus transbordamentos. In: Hildete Pereira dos Anjos. (Org.). **As histórias de todas e de cada uma: construindo um trajeto para a educação especial**. 1ed.Curitiba, PR: Editora CRV, 2014, p. 15-29.

ANJOS, Hildete Pereira dos. A presença das professoras na história da educação especial. In: Hildete Pereira dos Anjos. (Org.). **As histórias de todas e de cada uma: construindo um trajeto para a educação especial**. 1ed.Curitiba, PR: Editora CRV, 2014a, v.1, p. 97-101.

ANJOS, Hildete Pereira dos. Analisando um recorte local das políticas brasileiras para a educação inclusiva. In: Enicéia Gonçalves Mendes; Fabiana Cia. (Org.).

**Inclusão escolar e o atendimento educacional.** 1ed. São Carlos: Marquezine & Manzini; ABPEE,2014, v. 1, p. 41-58.

ANJOS, Hildete Pereira dos. **As histórias de todas e de cada uma:** construindo um trajeto para a educação especial. 1. ed. Curitiba, PR: Editora CRV, 2014. v. 1. 182 p.

ANJOS, Hildete Pereira dos. As salas de recursos multifuncionais: a experiência local. In: Hildete Pereira dos Anjos. (Org.). **As histórias de todas e de cada uma:** construindo um trajeto para a educação especial. 1ed .Curitiba, PR: Editora CRV, 2014, v. 1, p. 31-35.

ANJOS, Hildete Pereira dos. Na linha do tempo: história do fazer docente em educação especial e políticas públicas. In: Patrícia Carla da Hora Correia; Eliane de Souza Nascimento; Cláudia Paranhos de Jesus Portela. (Org.). **Dialogando com a inclusão II.** Recife, PE: Gráfica e Editora Liceu, 2014, v. 2, p. 16-28.

ANJOS, Hildete Pereira dos. Para uma análise das relações entre dinâmicas socio-educacionais, políticas públicas e deficiência. In: CUPICH, Zardel Jacobo; VARGAS LÓPEZ, Silvia Laura; MORALES, Alicia Rivera. (Orgs.). **Sujeto, educación especial e integración.** 1ed. México, DF: Editora de la Universidad Nacional Autonoma de México, 2014, v. IX, p. 111-121.

ANJOS, Hildete Pereira dos; SILVA, Kátia Regina da ; MELO, L. B. ; FERREIRA, Helane Pereira Moreira ; LIMA, Elineis Tavares ; PEREIRA, Mirian Rosa . Tensões no fazer pedagógico: estudando relações entre salas de recursos e salas comuns. In: Ivanilde Apoluceno de Oliveira. (Org.). **Práticas de escolarização em Salas de Recursos Multifuncionais:** dizeres de professores e alunos. 1ed. Belém,PA: EDUEPA, 2014, p. 87-101.

ANJOS, Hildete Pereira dos. Para uma análise das relações entre dinâmicas socioeducacionais, políticas públicas e deficiência. In: ALBUQUERQUE, Raphella Duarte Lopes de; BRASIL, Silvany Ellen Risuenho. (Org.). **Inclusão de pessoas com deficiência no contexto amazônico.** 1ed.Belém, PA: L&A Editora, 2014, p. 9-26.

ANJOS, Hildete Pereira dos; CAMPELO, Cristiane S. Perfil das salas de recursos: construindo uma leitura acerca das políticas recentes para a inclusão escolar. **Poiésis** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação (Unisul), v. 7, p. 83, 2013.

ANJOS, Hildete Pereira dos; BARBOSA, Laissy Tainã S. Projeto pré-vestibular para surdos da UFPA - Campus de Marabá. **Revista Eletrônica Ponto de Partida**, v. 1, p. 25-31, 2013.

ANJOS, Hildete Pereira dos; SILVA, Kátia Regina da; MELO, Luciana Barbosa. Efeitos da inclusão nas escolas públicas: uma leitura a partir de falas de professores e gestores. In: Denise Meyrelles de Jesus; Claudio Roberto Baptista;

Katia Regina Moreno Caiado (Org.). **Prática pedagógica na educação especial**: multiplicidade do atendimento educacional especializado. 1ª ed. Araraquara-SP: Junqueira & Marin, 2013, v. 1, p. 63-82.

ANJOS, Hildete Pereira dos; SILVA, Kátia Regina da ; MELO, L. B. ; ARAÚJO, Marcelo Almeida ; Rabelo, L.C.C. Práticas pedagógicas e inclusão: a sobrevivência da integração nos processos inclusivos. **Educação & Sociedade** (Impresso), v. 34, p. 495-507, 2013.

ANJOS, Hildete Pereira dos. Inclusão da pessoa com deficiência no Ensino Superior; primeiras aproximações. In: MIRANDA, Theresinha Guimarães; GALVÃO FILHO, Teófilo Alves. (Org.). **O professor e a educação inclusiva**: formação, práticas e lugares. 1ªed. Salvador, BA: EDUFBA, 2012, p. 361-379.

ANJOS, Hildete Pereira dos; SANTOS, Louriana Saima Sousa; CHAGAS, Patrícia da Silva ; SILVA, Greicy Kelly Maciel da .Deficiência e acesso ao ensino superior: uma experiência de aprendizagem. In: ANJOS, H. P. (Org.). **Pesquisando a inclusão nas escolas públicas**: um trajeto. 1ed. Curitiba, PR: Editora CRV, 2011, v. , p. 49-58.

ANJOS, Hildete Pereira dos. O conceito de inclusão nas falas de professores: deslizamentos de sentido presentes no discurso. In: ANJOS, Hildete Pereira dos (Org.). **Pesquisando a inclusão nas escolas públicas**: um trajeto. Curitiba, PR: Editora CRV, 2011, p. 33-42.

ANJOS, Hildete Pereira dos. O espelho em cacos: análise dos discursos imbricados na questão da inclusão. In: ANJOS, Hildete Pereira dos (Org.). **Pesquisando a inclusão nas escolas públicas**: um trajeto. 1ed. Curitiba, PR: Editora CRV, 2011, p. 11-22.

ANJOS, Hildete Pereira dos (org.). **Pesquisando a inclusão nas escolas públicas**: um trajeto. 1. ed. Curitiba, PR: Editora CRV, 2011. v. 1. 189 p.

ANJOS, Hildete Pereira dos; ANDRADE, Emanuelle Pereira; PEREIRA, Mirian Rosa . A inclusão escolar do ponto de vista dos professores: o lugar do outro na constituição do discurso. In: ANJOS, Hildete Pereira dos (Org.). **Pesquisando a inclusão nas escolas públicas**: um trajeto. Curitiba, PR: Editora CRV, 2011, p. 23-32.

ANJOS, Hildete Pereira dos; CAVALCANTE, Lucélia Cardoso; MELO, Luciana Barbosa de; SILVA, Kátia Regina da ; ARAÚJO, Marcelo Almeida ; PEREIRA, Mirian R. ; ANDRADE, Emanuelle P. Educação Inclusiva em Marabá, Pará: acesso e atendimento educacional especializado. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. (Org.). **Cadernos de Atividades em Educação Popular**: políticas de educação inclusiva em municípios do Pará. 1ªed. Belém, Pará: EDUEPA, 2011, p. 61-74.

ANJOS, Hildete Pereira dos; Rabelo, Lucélia Cardoso Cavalcante; PEREIRA, Mirian Rosa . NEES/NACE: uma análise de experiência. In: ANJOS, Hildete Pereira dos (Org.). **Pesquisando a inclusão nas escolas públicas**: um trajeto. 1ed.Curitiba, PR: Editora CRV, 2011, p. 59-68.

ANJOS, Hildete Pereira dos; ANDRADE, Emanuelle Pereira; PEREIRA, Mirian Rosa. A inclusão escolar do ponto de vista dos professores: o processo de constituição de um discurso. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, p. 116-129, 2009.

BRANDAO, Ingrid Fernandes G. Pereira; PEREIRA, Mirian Rosa; ANJOS, Hildete Pereira . Discurso não-verbal e interdiscurso: materiais visuais em educação especial. In: Hildete Pereira dos Anjos. (Org.). **Olhando a educação como um direito**: deficiência, inclusão e diversidade. 1ed.Belém, PA: Editora Paka Tatu, 2015, v. 1, p. 120-137.

BRANDAO, Ingrid Fernandes G. Pereira; PEREIRA, Mirian Rosa; ANJOS, Hildete Pereira dos . Os discursos presentes em cartazes de evento de educação especial. In: Raimunda Benedita Cristina Caldas; Larissa Fontenelle de Alencar; Fernando Alves da Silva Jr.. (Org.). **Inclusão e preservação de saberes para o bom viver**. 1ed.São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2016, v. 1, p. 333-345 (e-book).

COSTA, Elitis Susana Sousa; RODRIGUES, Rosane ; ANJOS, Hildete Pereira dos . Ser a Visão do Outro: Inclusão de Pessoas com Baixa Visão no Ensino Superior. **Revista Universo & Extensão**, v. 01, p. 89-96, 2013.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência** (Coleção Primeiros Passos). São Paulo; Brasiliense, 2007.

JESUS, Denise Meyrelles. O que nos impulsiona a pensar a pesquisa ação colaborativo-crítica como possibilidade de instituição de práticas educacionais mais inclusivas? In: BAPTISTA, Cláudio Roberto; CAIADO, Katia Regina Moreno; JESUS, Denise Meyrelles. (Orgs.). **Educação especial: diálogo e pluralidade**. Porto Alegre: Mediação, 2010. p. 139-160.

JESUS, Denise Meyrelles; VIEIRA, Alexandre Braga. Políticas e práticas inclusivas no ensino fundamental: das implicações nacionais às locais. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 41, jul./set. 2011. p. 95-108.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de ; ANJOS, Hildete Pereira dos. ; SANTOS, T. R. L. ; SANTOS, W. L. S. ; OLIVEIRA, W. M. M. . Atendimento educacional em salas de recursos multifuncionais da rede municipal de Belém. In: Enicéia Gonçalves Mendes; Fabiana Cia; Gabriela Tannús-Valadão. (Org.). **Inclusão escolar em foco**: organização e funcionamento do atendimento educacional especializado. 1ed.São Carlos: Marquezine & Manzini Editora, 2015, v. 4, p. 93-114.

SILVA, Kátia Regina; ANJOS, Hildete Pereira. A abordagem histórico-cultural e a aquisição da leitura e da escrita pelas pessoas cegas. In: CAMPOS, Regina Célia Passos Ribeiro. (Org.). **Deficiência visual e inclusão escolar**: desfazendo rótulos. Curitiba, PR: Editora CRV, 2016, p. 56-75.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Pró-Reitoria de Extensão. Departamento de Ação Comunitária. Programa de Extensão do Núcleo de Educação Especial e Núcleo de Acessibilidade, 2008 (mimeo.)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Pró-Reitoria de Extensão. Departamento de Ação Comunitária. Programa de Extensão do Núcleo de Educação Especial e Núcleo de Acessibilidade, 2013 (mimeo.).

Recebido em: 22 de fevereiro de 2023.  
Aprovado em: 28 de fevereiro de 2023.  
Publicado em: 29 de fevereiro de 2023.

